

Muita vez, toda a folhagem
Sucumbe, desaparece,
Nobres hastes mutiladas
Dão mostras de mãos em prece.

Mas, depois, findo o tormento,
Passada a grande agonia,
Vem a luz da primavera
Nas colheitas de alegria.

Tudo é festa de beleza,
Abundancia, fruto e flor,
Devendo-se tudo á benção
Da poda que trouxe a dor.

Necessita-se igualmente
No campo das criaturas,
Das podas em tempo calmo,
E em tempos de desventuras.

*

Nas fainas da luta humana,
O sofrimento é o podão:
Não te furtes á grandeza
Das leis de renovação.

O M A L H A D O U R O

Na época dadivosa
Da colheita cor-de-ouro,
E' tempo de conduzir
Cereais ao malhadouro.

Espigas maravilhosas
Vêm ás mãos do tarefairo,
Aglomerando-se em busca
Da secagem no terreiro.

Antigamente eram flores
Mostrando verdura e viço;
Agora, a compensação
Que se reserva ao serviço.

Mas por ser o resultado,
A garantia, o futuro,
O grão rico e generoso
Precisa ser nobre e puro.

O lavrador cuidadoso
Organiza providencias,
E' necessário excluir
As últimas excrescencias.

Inicia-se a limpeza,
Servidores a malhar,
No espaço o longo assobio
De varas cortando o ar.

São precisos golpes rudes,
Bordoadas no bom grão,
Por conferir-lhe a grandeza
De servir, além do chão.

Depois disso, alcança a glória
De amparar o lavrador,
A alegria de prover
Em nome do Criador.

Se ao longo de tua vida
Sentes choques do mangual,
E' que estás em madureza
No campo espiritual.

*
Não fujas ao malhadouro,
Guarda paz e vigilância:
Que a luta nos roube agora
Os restos da ignorância.

A LAGARTA

A arvore é grande e bela,
Mas na copa que se alteia,
Intromete-se a lagarta
Escura, disforme e feia.

No tronco maravilhoso,
Folhas verdes, flores mil...
O traço predominante
E' a nota primaveril.

E basta uma só lagarta
De minúscula expressão,
Por fazer na arvore toda
Estrago e devastação.

De fato, o conjunto verde
E' nobre, forte e preciso;
Mas, em todos os detalhes,
Ha sináis de prejuízo.

A lagarta rastejante,
Mostrengo em miniatura,
Vai de uma folha a outra folha,
Dilacerando a verdura.